

O Topónimo Veiros - II

Muito se tem escrito sobre o étimo de Veiros sem que nos possamos ater a algo certo. Há variantes (se o são) como Veiro, Veiras, Veirós, também Veirigos, que aparecem desde a Galiza até ao Alentejo (Estremoz). Topónimos todos. Também substantivo comum, nome de guarnição a cores, azuis e prateadas, dos brasões, o que sugere a alguns como origem o latim “variu-“, pela variedade delas. E ainda pele de arminho ou de zibelina, animais de terras frias, que se importava e importa. Ainda se chamavam veiros às penas com que em tempos passados os senhores doutores e os senhores cónegos enfeitavam o barrete. Não sei se a pele de castor se presta ao mesmo; admitiu-o o senhor doutor Miguel Antunes, da Universidade Nova de Lisboa, num artigo do jornal “O Aveiro”, que em tempos li. Daí parte o autor para a hipótese da origem de Veiros, que estende a Aveiro. Não lhe falta imaginação. A Ria, onde desaguam rios, seria bom “habitat” para castores, que por aqui teriam existido até ao século XV. Ora castor é em latim “fiber”, de cujo acusativo como é normal, “fiberu-“, derivaria “veiro”. É possível a transformação de f em v. Seria então “viveru” -“veiro”. Mas que o bichinho desse nome à freguesia marinhoa é tão improvável como dos seus veios de água, obra dos íncolas, lhes ter vindo o chamadoiro. Para Aveiro há outras explicações. E porquê o desaparecimento dos castores se o meio aquático permanece? Ainda hoje por cá se criam lontras. Para a minha terra, Veiros, além do mais há a dificuldade do “s” que não parece desinência do plural.

Há tempos perguntei ao presidente da Junta de Veiros de Estremoz qual a origem do nome da sua terra; respondeu-me que, segundo o estudioso Túlio Espanca, seria “Valerius”, nominativo, evidentemente por causa do “s”. A. de Almeida Fernandes lembra “varius”, foneticamente possível, mas rejeita a hipótese por não explicativa do sentido. Para ele melhor seria o radical pré-romano “bar” ou “ver”, que tanto significa altura como depressão, acidente de paisagem. Designaria aqui a planície, Veiros.

O dr. José Tavares, no 2º volume das “Notas Marinhoas”, depois de, e com razão, rejeitar a hipótese da Grande Enciclopédia, Portuguesa e Brasileira, “Valerius”, “locus Valericus” (“Valericus” daria na verdade valérgo ou vaérgo), pende para veeiros, por causa dos veios ou veeiros de água, “uns a abastecer, outros a sangrar, as lagoas do interior”. Assim seria se se chamassem veeiros, e não se chamam. Veeiros são veios, mas de pedras, as linhas por onde se partem as preciosas. De água, não. De resto, as regueiras e as levadas que cortam Veiros, assim como os esteiros, não só ali como em toda a Marinha são artificiais, obra dos seus habitantes; o sítio teria nome antes de ocupado, não lho dariam os tais cursos de água, evidentemente posteriores.

Na carta de aforamento de D. Sancho I figura “Veeyros”, o que implica um vocábulo com três sílabas; “Valerius” poderia servir: Valerius - Vaerius - Veeiros - Veiros. Mas o nominativo Valerius? Chamar a Veiros - Valério? Como em outros casos, esperar-se-ia pelo genitivo “Valerii” (“villa Valerii”, a herdade de Valério, como Telhões, de “villa Tellionis”). Mas a evolução de “Valerii” é para Ver, como em S. João de Ver. Veiros é que não.

Porquê porém o nominativo? Em Tellionis (Telhões), o “s” é desinência do genitivo germânico, donde Telhões corresponder a vila de Telião; mas em Valerius o

genitivo (latino) é “Valerii”, o que deixa por explicar o “s” de Veiros. Plural? Túlio Espanca julga que é um nominativo, sem outra base senão que assim se explica o final “s”. Fácil, mas não certo. A hipótese “Varius”, posta sem convicção por A. de Almeida Fernandes, peca por ser também nominativo. Impossível não é, pouco provável porém.

Não passamos assim de hipóteses, umas mais admissíveis que outras; certas, nenhuma. Com aparência de plural, Veiros permanece singular, desafiando a curiosidade dos coca-bichinhos destas coisas e de quem, não o sendo, muito gostaria de saber algo sobre a origem da sua terra. Assim, fico-me pelo estado da questão, à espera de melhores achegas.

P. S. Santa Maria da Feira ou Feira de Santa Maria?

Em o número deste jornal de 21 p.p. vem a tradução da confirmação por D. Afonso III da carta de aforamento de Veiros pelo seu avô D. Sancho. Na parte final não é exacta a tradução, de bem pouca importância se não contribuísse para a mistificação que é o nome de Santa Maria da Feira, denunciada e ridicularizada por A. de Almeida Fernandes no seu livro “A Arquimanha Feirense de José Matoso e C.^a ILd^a”. Santa Maria é o nome de uma região, não de uma cidade. Os pais do despautério, incomodados com a palavra “Vila” que antecede o nome velho e relho de Feira, trataram de o suprimir aquando da elevação a cidade da vila, mudando-o para Santa Maria da Feira. E aí está e passa, porventura sem ferir o ouvido, por habituado, de quem traduziu o texto do século XIII, que, em latim do escriba da época, é: “Facta fuit hec carta apud Feyram Sancte Marie”. Ora a tradução, que tenho como exacta, é: “Feita esta carta em Feira de Santa Maria” e não “Esta carta foi feita perto de Santa Maria da Feira”. Não foi perto, foi lá mesmo. É que “apud”, quando vem junto de um nome de terra, traduz-se por “em”. Assim “apud Romam”, em Roma. Já que a talhe de foice direi que não se me afigura correcta a tradução de “Ego Sancius (...) notum esse volo universis ad quoscunque scriptura ista pervenerit (...)” por “Eu, Sancho, (...) quero ser conhecido por todos aqueles a quem este documento chegar (...); há-de ser: “Eu, Sancho, quero que seja do conhecimento de todos aqueles a quem este escrito chegar (...). Há-de ser lapso. Mas esta rectificação vai tão-só porque não passe despercebido que em tempo de D. Sancho I já a Vila da Feira era “Terra de Santa Maria”. Imagine-se que por idênticas razões a vila de Estarreja se chamava “Santa Maria de Estarreja”!

Outras terras da região poderiam reivindicar-se do mesmo, pois que assentes também na Terra de Santa Maria, e seria uma seara de Santas Marias que abafaria a velha Feira que medrou ao redor do seu castelo. O que fazem vaidades!

Lisboa, 8 - 3 -05

Joaquim Lagoeiro